

A dimensão educativa dos museus e o capital da ciência: reflexões sobre inclusão e acessibilidade no campo científico

Gabriela Sehnem Heck¹
Jessica Norberto Rocha²

DOI 10.26512/museologia.v14i27.56251

299

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÉNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Resumo

A dimensão educativa dos museus desempenha um papel crucial na promoção do Capital da Ciéncia e na inclusão de diversos públicos, especialmente pessoas com deficiéncia. Baseado em discussões do encontro “Inclusão na Educação STEM e Espaços Não Formais”, organizado pelo STEM Education Hub do British Council Brasil, o texto aborda os desafios e oportunidades de tornar os museus acessíveis. As pesquisadoras participantes do evento destacaram a importância de políticas públicas robustas, práticas transversais de acessibilidade e a criação de ambientes acolhedores que promovam o engajamento científico, bem como a necessidade de articulação com as políticas públicas. Conclui-se que, no Brasil, existe um potencial para tornar a Política Nacional de Educação Museal ainda mais robusta e coordenada se associada ao conceito de Capital da Ciéncia e articulada com uma abordagem de inclusão e acessibilidade.

Palavras-chave

educação museal; capital da ciéncia; acessibilidade; inclusão; transformação social.

Abstract

The educational dimension of museums plays a crucial role in promoting Science Capital and the inclusion of diverse audiences, especially people with disabilities. Based on discussions at the meeting “Inclusion in STEM Education and Informal Spaces: reflections on Science Capital”, organized by the STEM Education Hub of the British Council Brazil, the text addresses the challenges and opportunities of making museums accessible. The researchers participating in the event highlighted the importance of robust public policies, transversal accessibility practices, the creation of welcoming environments that promote scientific engagement, and the need for coordination with public policies. It is concluded that, in Brazil, there is potential to make the Brazilian National Museum Education Policy even more robust and coordinated if associated with the concept of Science Capital and articulated with an approach of inclusion and accessibility.

Keywords

museum education; science capital; accessibility; inclusion; social transformation.

Introdução

A educação é parte fundamental do desenvolvimento psicológico, intelectual, afetivo e emocional da vida de qualquer cidadão. Parte importante desse desenvolvimento está no acesso à informação, à participação cultural e às distintas formas de aprender (Norberto Rocha; Scalfi; Massarani, 2021; Pastor Hom; Bennassar, 2009). Nesse sentido, ter acesso e participar dos diferentes processos e experiências que os museus oferecem é ter direito a fazer parte da vida cultural, da memória, da história e da ciéncia da sociedade. A dimensão educativa dos museus, portanto, é essencial para a construção do conjunto de experiências que cada pessoa elabora ao longo da vida.

¹ Doutora em Educação (PUCRS). Bolsista de pós-doutorado (CNPq) e Professora Colaboradora pela UFRGS.

² Doutora em Educação (USP). Pesquisadora em Divulgação Científica e Professora da Pos-graduação em Ensino de Biociéncias e Saúde e Mestrado em Divulgação da Ciéncia, Tecnologia e Saúde, Fiocruz.

A função educativa dos museus, estabelecida pela Política Nacional de Educação Museal (PNEM) no Brasil, é compreendida atualmente como parte integrante das instituições museológicas, que precisam ir além da mera preservação e exposição de objetos culturais (IBRAM, 2017). Como explicam Costa e Da Silva (2024) no editorial do livro “História da Educação Museal no Brasil”, o termo educação museal no país é

[...] muito plural e possui uma série de inspirações teóricas e práticas, que podem se traduzir em ações intituladas como arte educação, divulgação e popularização da ciência, educação patrimonial, educação em museus, mediação cultural, entre tantas outras. Esses trabalhos possuem o compromisso de manter e ampliar o diálogo das instituições e seus acervos musealizados com a sociedade, reforçando o papel social desses espaços (Costa, Da Silva, 2024, Editorial).

Assim, ao longo da história – ainda em construção – a dimensão educativa dos museus tem se mostrado interdisciplinar, mista e tem incorporado discussões de outras áreas do conhecimento, como educação em ciências e divulgação científica.

Nesse contexto, a proposta deste artigo é explorar, a partir de uma mesa redonda organizada pelo *British Council* e *STEM Education Hub*, como os museus, por meio de sua função educativa, podem atuar como espaços de construção do Capital da Ciência, para avançar a discussão sobre e de inclusão, com foco na acessibilidade para pessoas com deficiência.

Brasil e Reino Unido em diálogo: reflexões sobre inclusão na Educação STEM

Em maio de 2023 foi realizado um encontro virtual intitulado “Inclusão na Educação STEM e Espaços Não Formais: reflexões sobre o capital da ciência” (em inglês, *Inclusion in STEM Education and informal spaces: reflections on Science Capital*), disponível no YouTube (Kings ECS, 2023). O encontro foi organizado pelo *STEM Education Hub*, um programa do *British Council* Brasil que visa promover e apoiar o ensino e a aprendizagem de ciências, tecnologia, engenharia e matemática (STEM), fomentando parcerias entre o Brasil e o Reino Unido nas áreas de Pesquisa, Formação e Inovação. A discussão trouxe contribuições de duas especialistas na área da Educação em Museus que compartilharam suas experiências e pesquisas sobre inclusão nesses espaços, oferecendo perspectivas enriquecedoras para o debate.

Heather King, pesquisadora da *King's College London* (Reino Unido) e vice-presidente de Educação na *British Science Association* (Associação Britânica de Ciência), estuda as formas pelas quais os educadores promovem o engajamento dos alunos com a ciência em diferentes contextos, tais como as escolas, museus, o ambiente natural e espaços não formais de educação. Seu trabalho se concentra em preocupações de justiça social com relação à prática da educação científica.

Jessica Norberto Rocha, divulgadora científica da Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (Fundação Cecierj) e coordenadora do Grupo Museus e Centros de Ciências Acessíveis (Grupo MCCAC), estuda como museus e demais espaços de educação não formal podem trabalhar para a promoção da acessibilidade e inclusão de

pessoas com deficiência. Seu trabalho se concentra na experiência dos visitantes e nas práticas institucionais para uma sociedade mais inclusiva.

Nos tópicos a seguir trazemos os principais pontos da discussão do evento sobre as relações do Capital da Ciência e a inclusão em museus.

Compreendendo o Capital da Ciência e sua relação com a Dimensão Educativa dos Museus

301

No evento, Heather King traz a base da discussão no conceito do “Capital da Ciência” — um conceito contemporâneo que expande a teoria dos capitais de Pierre Bourdieu e destaca a importância dos recursos específicos relacionados à ciência na formação da identidade de um indivíduo. Baseada em Archer et al. (2015), ela explica que um dos fatores que influencia nossa identidade científica e envolvimento com a ciência é uma bagagem de conhecimento que carregamos conosco. Nessa bagagem, chamada de Capital da Ciência, são acumulados conhecimento, atitudes, experiências e recursos relacionados à ciência que adquirimos ao longo da vida.

No debate, é evidenciado como esse conceito permite identificar desigualdades sociais que impactam o acesso e o engajamento com a ciência, o que está diretamente relacionado à dimensão educativa dos museus. Os museus, como espaços de educação não formal, desempenham um papel essencial na promoção do Capital da Ciência, oferecendo experiências flexíveis e interativas que permitem a diferentes públicos acessarem e se envolverem com o conhecimento científico de maneira significativa (Dewitt; Archer; Mau, 2016). Ao proporcionar acesso a esse conhecimento em um ambiente não formal, os museus possibilitam que indivíduos de diferentes origens culturais e sociais desenvolvam suas disposições para a ciência, acumulando experiências, habilidades e conexões que influenciam sua relação com o campo científico (Dewitt; Archer, Mau, 2016).

Além de promover o acesso ao conhecimento, os museus também atuam como plataformas que conectam o público com a comunidade científica, oferecendo atividades que incentivam o diálogo direto entre cientistas e visitantes. Ao possibilitar essa interação, os museus ajudam a desenvolver a confiança dos indivíduos em suas habilidades científicas, ampliando suas aspirações profissionais e acadêmicas. Ao mesmo tempo, esses espaços podem promover discussões sobre questões sociais e éticas por meio de exposições sobre temas contemporâneos, como mudanças climáticas, racismo e justiça social, promovendo um engajamento com a ciência que transcende o conhecimento técnico e contribui para a formação de cidadãos críticos e conscientes.

Nesse sentido, a imagem de uma vela é usada por Heather como metáfora para explicar como o engajamento científico de uma pessoa é influenciado pelas condições ao seu redor, e não apenas pelo Capital da Ciência e disposições que ela possui (Figura 1). Na metáfora, a vela representa um indivíduo, e a chama simboliza o seu engajamento com a ciência. A espessura e solidez da vela indicam o Capital da Ciência acumulado ao longo da vida, juntamente com o *habitus* – o conjunto disposições internalizadas que influenciam as escolhas e comportamentos no dia a dia.

A dimensão educativa dos museus e o capital da Ciência:
reflexões sobre inclusão e acessibilidade no campo científico

Figura 1 – Chama do Engajamento com a Ciência



Fonte: Science Capital Brasil (2022). Nota: traduzido de UCL (2017).

No entanto, Heather argumenta que, mesmo que a vela seja sólida e tenha muito “combustível” (capital e *habitus*), o que realmente importa são as condições ao redor da vela – o “campo” – que determina se a chama do engajamento vai queimar forte, variar ou se apagar. Essas condições incluem fatores como o ambiente, os relacionamentos e as práticas que cercam a pessoa. Por exemplo, uma aula ou exposição científica pode acender a chama do engajamento, mas uma “rajada de vento” – como barreiras no ambiente ou falta de inclusão – pode apagar essa chama.

Portanto, o engajamento científico depende menos da quantidade de capital que a pessoa possui e mais de como o ambiente no qual ela está inserida apoia ou desafia esse engajamento. Isso ressalta a importância de criar condições favoráveis e inclusivas para que o Capital da Ciência de cada indivíduo possa ser aceso e mantido.

Nesse sentido, os museus podem atuar como ambientes fundamentais para criar as condições necessárias ao engajamento científico, fornecendo um “campo” favorável para que a chama do interesse e da curiosidade científica se mantenha acesa. Ao promover práticas educativas que dialoguem com a diversidade de experiências e conhecimentos dos visitantes, os museus não apenas promovem o aumento do Capital da Ciência de cada indivíduo, mas também reforçam o papel dessas instituições como agentes de transformação social, ajudando a moldar uma sociedade mais científica, inclusiva e crítica (Heck, 2024).

O Debate sobre Inclusão e Acessibilidade nos Museus

A inclusão e a acessibilidade foram tópicos centrais discutidos durante o encontro, especialmente no que diz respeito às barreiras enfrentadas por pessoas com deficiência ao tentar acessar conteúdos científicos em museus. As práticas inclusivas foram apontadas como essenciais para que os museus possam desempenhar seu papel educativo de forma completa, garantindo que todos os visitantes se sintam acolhidos e tenham as mesmas oportunidades de aprendizagem. No entanto, foi ressaltado que, na prática, ainda existem muitos

desafios a serem superados para que a acessibilidade se torne uma realidade em todos os museus.

Jessica Norberto Rocha, citando Cohen e Duarte (2013), destacou a importância de uma abordagem empática e emocional no desenvolvimento de estratégias de acessibilidade:

A acessibilidade plena em museus significa considerar mais do que apenas os aspectos físicos da acessibilidade. Ela busca a adoção de aspectos emocionais, afetivos e intelectuais para o desenvolvimento de empatia e afeição entre os usuários e o espaço. Sem emoção, sem ser bem-vindo e sem se sentir parte desse ambiente, a acessibilidade não é uma acessibilidade completa. Portanto, podemos refletir sobre isso (Kings ECS, 2023, 00:41:30).³

Assim, considera-se que a acessibilidade plena não se trata apenas de eliminar barreiras físicas, mas também de criar conexões emocionais e intelectuais entre os visitantes e os espaços museológicos (Cohen; Duarte, 2013).

Durante o encontro, Norberto Rocha apresentou três dimensões que favorecem o potencial de acessibilidade de instituições museais e são fundamentais para garantir que os visitantes possam se sentir acolhidos e incluídos nas experiências oferecidas pelos museus. Essas dimensões, que funcionam de forma integrada, são: acessibilidade física, acessibilidade comunicacional e acessibilidade atitudinal.

Indicadores de Acessibilidade em Museus e Centros de Ciências

No escopo MCCAC, a ferramenta “Indicadores de Acessibilidade em Museus e Centros de Ciência” (Inacio, 2017; Norberto Rocha et al, 2020) foi desenvolvida para analisar e diagnosticar o potencial de acessibilidade desses locais e identificar características fundamentais de inclusão, particularmente de pessoas com deficiência.

Os indicadores atuam como um meio de verificação, observação, demonstração e avaliação, permitindo medir, quantificar e qualificar determinados aspectos da realidade segundo um determinado ponto de vista (Norberto Rocha et al., 2020).

Os indicadores de **acessibilidade física** envolvem a infraestrutura do museu para que visitantes com deficiência possam se locomover com autonomia e segurança. Inclui-se desde o design acessível dos objetos e exposições até a garantia de acessos apropriados, como rampas, elevadores e sinalização adequada. Nessa dimensão, destaca-se a importância de tornar os espaços seguros e confortáveis para todos, ressaltando que museus devem oferecer condições para que visitantes com diferentes características possam explorar as exposições de forma autônoma, interativa e segura.

A **acessibilidade atitudinal** refere-se às atitudes e práticas inclusivas adotadas pelos profissionais que trabalham nos museus e as políticas institucionais. Nesse sentido, a preparação da equipe é crucial para criar um ambiente verdadeiramente acessível. Isso implica em treinar tanto os funcionários que interagem diretamente com o público quanto aqueles que atuam nos bastidores. Segundo Norberto Rocha, muitos museus ainda carecem de capacitação ade-

³ “full accessibility in museums means considering more than accessibility in its physical aspects, it strives to the adoption of emotional effective and intellectual aspects to the developing, if an empathy and affection between the users and the place, without emotion, without being welcome and feel feeling part of that environment, accessibility is not a full accessibility, so we can think about that”.

A dimensão educativa dos museus e o capital da Ciência:
reflexões sobre inclusão e acessibilidade no campo científico

quada para lidar com a diversidade de visitantes, e é essencial que todos os funcionários sejam instruídos sobre como acolher e engajar visitantes com deficiência de maneira inclusiva e respeitosa. Além disso, a pesquisadora sugeriu que a inclusão de pessoas com deficiência na equipe do museu é uma prática fundamental para fomentar a diversidade e garantir que os museus sejam espaços representativos e acolhedores para todos. Também se faz necessário que a cultura da inclusão e acessibilidade seja parte da missão institucional e esteja de forma transversal em diferentes departamentos e setores do museu.

O terceiro indicador mencionado por Norberto Rocha é o de **acessibilidade comunicacional**, que envolve a comunicação interna e externa do museu e os meios de comunicação usados para interagir com seus visitantes. Isso inclui o uso de múltiplas ferramentas e tecnologias para tornar as exposições e os espaços comprehensíveis e acessíveis a todos. Exemplos de acessibilidade comunicacional incluem a utilização de legendas, intérpretes de Língua de Sinais, materiais em braille, audioguias e recursos táteis. Na discussão, Norberto Rocha destacou a importância de os museus comunicarem efetivamente ao público as estratégias de acessibilidade disponíveis, de modo a garantir que todos os visitantes saibam que podem contar com essas adaptações durante sua visita.

Essas três dimensões, quando trabalhadas de forma integrada, criam um ambiente acessível que não apenas elimina barreiras visíveis, mas também promove a inclusão social e cultural de maneira ampla e significativa. Conforme Norberto Rocha salientou, a acessibilidade plena envolve uma abordagem holística que reconhece a importância de estabelecer conexões emocionais e intelectuais entre os visitantes e os museus, garantindo que todos se sintam parte desse espaço.

Entrelaçamentos entre capital da ciência, inclusão e acessibilidade no contexto museal

Ao adotarem políticas públicas que incentivem a acessibilidade e ao integrarem novas tecnologias em suas práticas educativas, os museus podem desempenhar um papel fundamental na democratização do conhecimento científico e na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Nesse sentido, a dimensão educativa dos museus é central na construção do Capital da Ciência.

Além disso, políticas públicas consistentes são essenciais para garantir a sustentabilidade das iniciativas inclusivas e transformar intenções em ações concretas. No encontro do *STEM Education Hub*, essa dimensão política da educação museal foi discutida como uma ferramenta crucial para ampliar o acesso à ciência e combater as desigualdades históricas presentes no campo STEM.

Um dos principais desafios destacados na discussão foi a necessidade urgente de políticas públicas robustas que não apenas incentivem, mas também sustentem de maneira contínua as iniciativas de inclusão nos museus. Muitas instituições estão se adaptando para tornar seus espaços mais acessíveis e inclusivos – como sistematizado no Guia de Museus e Centros de Ciências Acessíveis da América Latina e do Caribe (Norberto Rocha et al., 2017) que conta com mais de uma centena de instituições listadas, por exemplo. Entretanto a prática a longo prazo dessas ações ainda apresenta lacunas significativas.

Heather ressaltou que, em muitos casos, existe uma disparidade entre as boas-intenções dos museus e a execução eficaz das práticas inclusivas, afirmindo que “precisamos garantir que o espaço em que estamos trabalhando seja

acolhedor, ou seja, inclusivo e acessível ”⁴. Ela destaca a importância de criar um ambiente que não só tenha políticas de inclusão no papel, mas que efetivamente acolha e inclua os visitantes em suas práticas cotidianas. No entanto, a pesquisadora também enfatizou que essa implementação consistente ainda é um desafio, especialmente em espaços não formais de educação, onde os recursos e a estrutura para garantir a acessibilidade plena nem sempre são suficientes ou adequadamente distribuídos.

Isso pode indicar que, embora o compromisso com a inclusão esteja presente em muitas instituições, a falta de políticas públicas coordenadas e de financiamento adequado ainda impede a criação de um ambiente verdadeiramente inclusivo. Para superar esse obstáculo, Heather defendeu uma maior colaboração entre museus, governos e outros *stakeholders*⁵, a fim de desenvolver diretrizes claras e mecanismos de suporte contínuos, capazes de transformar as boas intenções em ações concretas e duradouras.

Além disso, Rocha destacou que a acessibilidade não deve ser vista como uma responsabilidade isolada de um departamento específico dentro do museu, mas sim como uma prática transversal que permeie todas as áreas da instituição. Para que a acessibilidade seja plenamente implementada, é necessário que haja um compromisso institucional coletivo, envolvendo desde a gestão administrativa até as equipes de comunicação, curadoria, recursos humanos e atendimento ao público.

Isso implica a criação de políticas e diretrizes claras que orientem a integração da acessibilidade em todas as dimensões do museu, incluindo a concepção de exposições, o desenvolvimento de programas educativos e o planejamento de eventos. Ao adotar uma postura proativa e transversal, os museus se comprometem não apenas a remover barreiras físicas e sensoriais, mas também a criar um ambiente acolhedor e acessível para todos os visitantes, independentemente de suas condições ou habilidades.

Nesse sentido, vemos um grande potencial da articulação das ideias de Capital da Ciência, inclusão e acessibilidade na Política Nacional de Educação Museal (PNEM), que estabelece que os museus devem atuar como agentes de transformação social, promovendo a inclusão de diversos grupos e fomentando debates que refletem as questões contemporâneas da sociedade (IBRAM, 2017). Ao oferecer uma base normativa para orientar as ações das instituições museológicas, a PNEM pode ampliar seu impacto ao priorizar a acessibilidade como um princípio transversal em todos os setores do museu.

Quando associada ao conceito de Capital da Ciência, a PNEM pode transcender a promover uma transformação mais ampla, que envolve a aprovação crítica do conhecimento científico por públicos historicamente marginalizados. Essa associação permite que os museus atuem como espaços dinâmicos, capazes de democratizar o acesso à ciência e fomentar o engajamento ativo de seus visitantes, consolidando-se como ferramentas estratégicas para a equidade e a justiça social.

A articulação entre os princípios da PNEM e práticas educativas que promovam a inclusão e o engajamento científico pode ser fortalecida por uma maior colaboração entre governos, museus e outras instituições. Assim, será possível criar um ambiente mais acolhedor e inclusivo, onde o Capital da Ciência e a acessibilidade estejam plenamente integrados às políticas e práticas

⁴ “we need to make sure that the space in which we are working is welcoming so inclusive and accessible”.

⁵ Stakeholders são todos os grupos ou indivíduos que têm influência sobre os museus ou são impactados por suas práticas e decisões.

A dimensão educativa dos museus e o capital da Ciência: reflexões sobre inclusão e acessibilidade no campo científico museológicas.

Considerações Finais

A política de educação museal desafia os museus a se posicionarem politicamente e a desenvolverem propostas que dialoguem com questões centrais da sociedade contemporânea, como raça, classe, gênero, sexualidade e deficiência (Gomes; Reis, 2021). Ao musealizar esses temas, os museus não apenas educam, mas também transformam, criando espaços para a reflexão crítica sobre as dinâmicas sociais que moldam a vida em sociedade.

Nesse sentido, os museus brasileiros são desafiados a incluir diferentes grupos sociais em suas atividades e a criar espaços em que essas pessoas se sintam representadas, reconhecidas e engajadas. A construção de um ambiente acessível e inclusivo exige o desenvolvimento de políticas e práticas que garantam o acesso de uma ampla gama de visitantes, independentemente de suas habilidades, e que combatam as desigualdades históricas presentes no campo científico (Dawson, 2014).

O encontro sobre Inclusão na Educação STEM e Espaços Não Formais discutiu como os museus desempenham um papel essencial na construção do Capital da Ciência e na promoção de práticas educativas inclusivas. As discussões evidenciaram que o engajamento com a ciência vai além do simples acúmulo de conhecimento, sendo influenciado pelas condições ambientais e sociais que podem tanto facilitar quanto dificultar esse engajamento.

A educação em museus tem se destacado como uma ferramenta poderosa para promover o acesso ao conhecimento científico, incentivando o desenvolvimento de habilidades críticas e a ampliação das perspectivas de diferentes públicos (Norberto Rocha et al. 2021). Os museus não apenas preservam e comunicam o patrimônio cultural e científico, mas também desempenham um papel ativo na formação de indivíduos e na construção do Capital da Ciência (Archer et al. 2015). Nesse contexto, a dimensão educativa dos museus transcende as fronteiras dos programas formais de educação, operando como um meio de transformação social e de promoção da justiça e equidade.

Assim, os museus podem contribuir de maneira significativa para uma sociedade mais inclusiva, crítica e cientificamente engajada.

Referências

ARCHER, Louise et al. “Science capital”: a Conceptual, Methodological, and Empirical Argument for Extending Bourdieusian Notions of Capital Beyond the Arts. *Journal of Research in Science Teaching*, Hoboken, New Jersey, v. 52, n. 7, p. 922–948, 2015.

COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane. Subsídios metodológicos na construção de uma “acessibilidade plena”: a produção da identidade e da subjetividade de pessoas com deficiência. *Revista Benjamin Constant*, 2013. Disponível em: <https://revista.ibc.gov.br/index.php/BC/article/view/380>

DA SILVA, Mauricio André; COSTA, Andrea Fernandes. *História da Educação Museal no Brasil*. São Paulo: ICOM-CECA, 2024.

DAWSON, Emily. Equity in informal science education: developing an access and

equity framework for science museums and science centres. *Studies in Science Education*, London, v. 50, n. 2, p. 209–247, 2014.

DEWITT, Jennifer; ARCHER, Louise; MAU, Ada. Dimensions of science capital: exploring its potential for understanding students' science participation. *International Journal of Science Education*, Taiwan, v. 38, n. 16, p. 2431–2449, 2016.

GOMES, Hilda; REIS, Bianca. Desafios, limites, engajamento e possibilidades na elaboração das ações educativas acessíveis. In: NORBERTO ROCHA, Jessica. (Org). *Acessibilidade em Museus e Centros de Ciências: experiências, estudos e desafios*. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj/Grupo Museus e Centros de Ciências Acessíveis (MCCAC), 2021.

HECK, Gabriela. (*defi*)ciência & Inclusão: possibilidades para construção do Capital da Ciência a partir de uma experiência museal acessível. 2024. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Educação, Porto Alegre, 2024.

IBRAM. *Política Nacional de Educação Museal*. 2017.

INACIO, L. G. B. *Indicadores de acessibilidade em museus e centros de ciências: aplicação na Caravana da Ciência*. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Ensino de Ciências: ênfase em Biologia e Química, IFRJ/Maracanã, 2017.

KINGS ECS. *STEM Education Hub: inclusion in STEM education and informal spaces, reflections on science capital*. YouTube Video (01:29:41). 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vIVpQ0NtzSw>. Acesso em: 20 nov. 2024.

NORBERTO ROCHA, Jessica et al. Investigating accessibility in Latin American science museums and centers. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, Rio de Janeiro, v. 92, n. 1, p. 1–16, 2020.

NORBERTO ROCHA, Jessica; SCALFI, Grazielle; MASSARANI, Luisa. ECA 30 anos e o direito das crianças e adolescentes aos museus e à divulgação científica. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, [s. l.], v. 12, p. 115, 2021.

NORBERTO ROCHA, Jessica. (Org). *Acessibilidade em Museus e Centros de Ciências: experiências , estudos e desafios*. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj/Grupo Museus e Centros de Ciências Acessíveis (MCCAC), 2021. p.480.

ONU. *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo*. Nova York, 2006. Disponível em: <https://www.un.org/esa/socdev/enable/documents/tccconvs.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2024.

PASTOR HOMS, María Immaculada; BENNASSAR, María del Carmen Fernández. El museo como contexto educativo en la infancia y adolescencia. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, vol. 2, n. 1, p. 99-106, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3498/349832321010.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2024.

SCIENCE CAPITAL BRASIL. Chama do engajamento – @sciencecapitalbrasil.

ISSN 2238-5436

A dimensão educativa dos museus e o capital da Ciência:
reflexões sobre inclusão e acessibilidade no campo científico

Disponível em: <https://sciencecapitalbrasil.blogspot.com/2022/01/chama-do-engajamento.html>. Acesso em: 20 nov. 2024.

UCL. A Science Capital approach to building engagement. 2017. Disponível em:
<https://youtu.be/NDuEZFRt59M>. Acesso em: 20 nov. 2024.